

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
GRUPO DE PESQUISA: PRODUÇÃO LABORATORIAL – ELETRÔNICOS

O (não) ensino da convergência de mídias como fomento à pesquisa

Emerson Campos Gonçalves¹
emer.cg@gmail.com

convergência de mídias, jornalismo, web 2.0

Introdução

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências e angústias que motivaram o autor a desenvolver, pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (Posling), um projeto em que discute a “nova” narrativa jornalística que surge na internet como resultado da convergência de mídias. Foi observado que muitas das dificuldades enfrentadas pelos jornalistas nas redações são fruto da ausência de estudos e discussões mais específicas sobre o tema nas escolas de jornalismo. Os próprios portais não conseguem seguir um padrão para esta narrativa não-linear e customizável.

A convergência de mídias nas redações

Termo cada vez mais citado nas redações de jornalismo neste início de década, a dita “convergência de mídias” segue transformando a rotina de trabalho dos profissionais da área sem merecer, até então, uma análise mais detalhada sobre sua interferência nas narrativas construídas pelos portais

¹**Emerson Campos Gonçalves** é graduado em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela PUC Minas e cursa o Mestrado em Estudos de Linguagens no Cefet-MG. Desde de 2008 trabalha nos Diários Associados, onde atualmente é capista do Portal Uai e repórter do portal do Estado de Minas. Atuou também como redator no website do Palácio das Artes, da Fundação Clóvis Salgado e em assessorias de comunicação, sempre trabalhando com a internet.

noticiosos. Presente na mentalidade e nos projetos dos grandes grupos brasileiros de comunicação, este processo ainda é visto de maneira muito superficial por jornalistas e professores de jornalismo, sendo reduzido na maioria das análises a uma simples sinergia nas tarefas de apuração, produção e edição. Foi esta simplificação que motivou o autor a iniciar no Cefet-MG, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, um projeto de mestrado em que discute além da unificação da força de trabalho e busca compreender de que forma a produção de conteúdos em diferentes formatos (áudio, vídeo, texto e foto) pelos repórteres e sua veiculação em um único suporte – a internet – transforma a lógica de construção do discurso clássico do jornalismo, abrindo caminho para o surgimento de uma nova narrativa, que herda características próprias da web, como textos não-lineares e conteúdos customizáveis.

Estudar e compreender a formação deste novo discurso jornalístico se mostra tarefa imprescindível e de imensurável importância em um país que experimenta a convergência numa época que, com a discussão da obrigatoriedade (ou não) do diploma de jornalista, todos os internautas – sejam eles profissionais da internet, entusiastas da blogosfera ou apenas curiosos – podem se apresentar como repórteres e grandes interventores nos portais. É o jornalismo na era dos ‘interagentes’ (termo que Alex Primo (2003) lança com grande pertinência para substituir definições ‘ultrapassadas’ como ‘usuário’ e ‘receptor’).

O projeto

O estudo sobre a convergência de mídias, objeto principal do trabalho desenvolvido pelo autor, encontra seu ponto de partida na discussão sobre a hipertextualidade, condição necessária para sua realização e entendimento. Partindo do pressuposto de que as narrativas tradicionais do jornalismo mudaram seu formato com a influência da convergência, esta pesquisa busca entender como este processo ocorre, ou seja, como a associação de diferentes mídias transforma a lógica de produção e, principalmente, o produto noticioso final que é oferecido na web. Para atingir esta compreensão, num primeiro momento, os esforços da pesquisa ficaram focados em uma revisão literária das

principais publicações sobre hipermídia e hipertexto, web 2.0 e convergência de mídias. Para criar uma base teórica sólida, a pesquisa recorreu a autores como Pierre Lévy, Roger Chartier, Luiz Antônio Marcuschi, Ramón Salaverría e Henry Jenkins, que traz uma das mais instigantes discussões sobre o tema, no livro *A Cultura da Convergência* (2008) (que deveria ser leitura obrigatória nas aulas sobre jornalismo). Jenkins nos alerta que, enquanto o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias interajam de formas cada vez mais complexas. Aqui encontramos outra questão que preocupa e justifica a análise da convergência por este prisma: o grande domínio que o paradigma da revolução digital ainda exerce nas escolas de jornalismo e na mentalidade dos próprios jornalistas, que se mostram assustados com a possibilidade de que mídias mais tradicionais como o rádio e o impresso desapareçam com o processo de convergência.

Para atingir os objetivos a que se propõe, o trabalho realizará uma análise empírica, por meio de um estudo de caso, do conteúdo jornalístico publicado no Portal Uai <www.uai.com.br>, dos Diários Associados, durante um período de tempo a ser determinado. Com esta análise, pretende-se mostrar as alterações ocorridas na estrutura tida como ‘tradicional’ nas reportagens e as principais características desta nova narrativa jornalística que surge a partir do processo de convergência.

Primeiras conclusões

Até o momento aparece como irrefutável a hipótese de que a convergência de mídias, de fato, cria uma nova narrativa jornalística, mais completa, complexa e detalhada; e de que este novo conteúdo é diretamente editado e modificado por seus receptores, a partir de uma nova experiência de leitura – ou de co-autoria – que se torna viável com as possibilidades da web 2.0. Espera-se, com o projeto e este relato, fomentar debates sobre o ensino da convergência e a importância de uma constante reavaliação do tema nas escolas de jornalismo, que não devem se prender à prática “mecânica” no processo.

Referências bibliográficas

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M.L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

COVRE, André. *Reemergência do sujeito nas mídias sociais da web 2.0 e a consequente transformação da esfera jornalística*. Pág. 200. *Leitura e escrita em movimento*. Belo Horizonte, 2010.

JENKINS, Henry. *A cultura da convergência*. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993. (Coleção TRANS)

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996 (Coleção TRANS).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto*. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Unicamp. Campinas, 1999.

NUNES, Janaina de Oliveira. *Do impresso à hipermídia: reconfiguração do jornalismo na era da comunicação digital* (2009). Dissertação apresentada na Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível no banco da Capes em 15 de agosto de 2011.

PRIMO, Alex. *Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva*. *Fronteiras: Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v.5, n.2, p. 125-142, 2003.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Leituras sobre hipertexto: trilhas para o pesquisador*. Anais do XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, Uberlândia, nov. 2006.